

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v18i35.21916>

## A PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS PRIMÁRIAS NA REVISTA *CRIANÇA E ESCOLA* (1963-1972)

**Mônica Yumi Jinzenji**Universidade Federal de Minas Gerais  
[monicayj@ufmg.br](mailto:monicayj@ufmg.br)**Bruna Reis Afonso**Universidade Federal de Minas Gerais  
[brunareisafonso@gmail.com](mailto:brunareisafonso@gmail.com)**Raquel Cabral de Sousa Lucas**Universidade Federal Minas Gerais  
[rc534730@gmail.com](mailto:rc534730@gmail.com)

### RESUMO

O artigo analisa as perspectivas teóricas em Psicologia adotadas na Revista *Criança e Escola*, instrumento de formação e de divulgação de novos métodos pedagógicos desenvolvidos pelo Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (Pabae). O órgão foi criado a partir de um acordo de cooperação entre Brasil e Estados Unidos, com sede em Belo Horizonte, em 1956. Foram analisados os 34 volumes produzidos entre 1963 a 1972 e, em diálogo com Roger Chartier e Michel de Certeau, identificamos as apropriações de obras e teorias em Psicologia em matérias sobre o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. Defendida como saber imprescindível para fundamentar a prática docente, destacam-se como matrizes de referência Arnold Gesell, Jean Piaget e Sigmund Freud enquanto questionava-se a eficácia dos novos métodos e recursos audiovisuais para a diminuição da evasão e da repetência.

**Palavras-Chave:** Pabae; revistas pedagógicas; formação de professores primários.

## PSYCHOLOGY IN THE CONTINUING EDUCATION OF PRIMARY SCHOOL TEACHERS IN THE JOURNAL *CRIANÇA E ESCOLA* (1963-1972)

### ABSTRACT

This article analyzes the theoretical perspectives in Psychology adopted in the journal *Criança e Escola* (*Child and school*), an instrument for training and disseminating new pedagogical methods developed by the Brazilian-American Assistance Program for Elementary Education (Pabae). This organization was created based on a cooperation agreement between Brazil and the United States, with headquarters in Belo Horizonte, in 1956. The 34 volumes produced between 1963 and 1972 were analyzed and, in dialogue with Roger Chartier and Michel de Certeau, we identified the appropriations of books and theories in Psychology in articles on child development and learning. Defended as essential knowledge

to support teaching practice, Arnold Gesell, Jean Piaget and Sigmund Freud stand out as reference matrices, while the effectiveness of new methods and audiovisual resources for reducing dropout and repetition was questioned.

**Key-Words:** Pabae; pedagogical journals; elementary teachers training.

## Introdução

O artigo tem por objetivo analisar a Revista *Criança e Escola*, um impresso periódico pedagógico voltado para divulgar os métodos de ensino desenvolvidos pela equipe constituinte do PABAE - Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar, que teve sede em Belo Horizonte, Minas Gerais, nas décadas de 1950 e 1960. Esse Programa consistiu em um acordo de cooperação, criado na gestão do ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado, durante a presidência de Juscelino Kubitschek e foi assinado por José Francisco Bias Fortes, governador do estado de Minas Gerais e pelo diretor da *United States Operation Mission to Brasil* (USOM-B), William E. Warne, em 1956. Tinha a duração prevista de cinco anos, mas foi estendido, sendo encerrado, efetivamente, em 1963.

O Programa previa a assessoria técnica dos Estados Unidos, com o objetivo de diminuir os índices de evasão e repetência na educação primária, por meio da qualificação das professoras<sup>1</sup>. Tal objetivo seria alcançado por meio de treinamentos oferecidos às professoras e pela produção de materiais didáticos que subsidiariam o trabalho nas escolas primárias e escolas normais. A primeira fase do programa consistiu na ida de professoras bolsistas para realizarem treinamento nos Estados Unidos, na Universidade de Indiana<sup>2</sup>. Nas fases seguintes do Programa, as ações no Brasil envolveram visitas realizadas pela equipe técnica às escolas normais de vários municípios e estados e, a partir de 1959, o Pabae passou a oferecer cursos de formação continuada de duração de seis meses, voltados para professoras.

O Pabae se desenvolveu em nível nacional, tendo o INEP, papel central na sua viabilização. O Instituto de Educação de Minas Gerais<sup>3</sup> teve parte de suas dependências alocadas para o funcionamento administrativo e parte de seu corpo docente também compôs o Programa em

---

1 Optamos por utilizar os termos professora e professoras ao longo do texto, pois as autoras das matérias analisadas são mulheres, assim como a maior parte do corpo docente da educação primária no período.

2 Entre os anos de 1956 e 1962, 114 professores e professoras, originários de vários estados brasileiros, fizeram o intercâmbio na Universidade de Indiana (PAIVA; PAIXÃO, 2002).

3 O Instituto de Educação de Minas Gerais foi fundado em 1946, com o objetivo de formar professoras para a educação primária. Para maiores informações sobre a história do Instituto de Educação, ver Kulesza (2019a, 2019b).

diversas frentes. Apesar dessa abrangência, segundo Edil Paiva e Léa Paixão (2002), o Programa enfrentou resistência de grupos de educadores, notadamente dos nacionalistas, dos católicos e mesmo de parte dos professores do Instituto de Educação.

A Revista *Criança e Escola* foi concebida nos últimos anos de funcionamento do Programa, permeada por debates acerca de sua necessidade e, ao mesmo tempo, de dúvidas a respeito de sua viabilidade. Foi lançado, inicialmente, um número experimental, o número 0, em janeiro de 1963 e o seu primeiro número foi publicado em setembro do mesmo ano. A partir de 1972, passou a intitular-se *Escola Fundamental* e circulou até 1974. Analisamos os 34 números de sua primeira fase (1963-1972); sua periodicidade era trimestral e, no editorial do número experimental, a professora Maria Onolita Peixoto anuncia que o periódico serviria de mediador entre os conhecimentos adquiridos pelas professoras bolsistas que realizaram os estudos nos Estados Unidos e as professoras primárias brasileiras que demandavam apoio para a prática docente. Portanto, a Revista trataria de questões relacionadas à escola pré-primária, primária e sobre a aprendizagem da criança, fornecendo principalmente suporte metodológico às professoras (Peixoto, 1963, p.0).

Tendo em vista o caráter de difusão de metodologias de ensino e de conhecimentos sobre a criança e sobre seus processos de aprendizagem, buscamos identificar e analisar a fundamentação teórica que sustenta essa discussão na Revista. A hipótese de apropriação de referenciais dos Estados Unidos serviu inicialmente como guia, visto que, dar maior visibilidade e possibilitar maior acesso aos conhecimentos trazidos por meio do intercâmbio internacional, era um dos argumentos apresentados nas justificativas para a produção desse periódico.

Analisamos, portanto, um impresso pedagógico voltado para qualificar a prática de professoras primárias e o estudo dialoga com a produção desse campo. O recurso aos impressos pedagógicos periódicos como estratégia para a formação continuada de professoras e professores está presente no cenário educacional desde a consolidação da imprensa no mundo ocidental. Conforme Pierre Caspard e Pénélope Caspard (1997), entre algumas tendências que caracterizam essa produção desde o século XIX – no contexto francês –, está a de servir de guia para a ação docente, de apresentação de inovações pedagógicas, sendo bastante comum a autoria de professores e professoras nessas publicações.

A imprensa pedagógica como tema e objeto de pesquisas no Brasil está presente desde a última década do século XX e tem ganhado cada vez mais espaço nos estudos em História da Educação, indicando a importância desse dispositivo impresso no conjunto de processos de formação e qualificação da prática docente, em especial, nos contextos de reforma educacional<sup>4</sup>. Adicionando a esse grupo os estudos que utilizam esses impressos como fonte, temos uma boa dimensão do seu lugar de destaque para se compreender, entre outros aspectos, o cotidiano das escolas (ou o que se compreendia sobre esse cotidiano; o que se pretendia destacar sobre ele), as prescrições feitas aos professores (e, por contraste, o que se compreendia como lacunas na formação dos professores) e sobre algumas dificuldades presentes no contexto educacional/escolar.

A produção da publicação *Criança e Escola* foi assumida por parte da equipe técnica do Pabae, cujas ações foram centralizadas pelo Centro Regional de Pesquisas Educacionais<sup>5</sup> de Minas Gerais (CRPE-MG). O CRPE possuía gráfica própria, com técnicos especializados e produzia, além da Revista, livros, de autoria das professoras do Programa e folhetos. Os 34 números foram produzidos no período de 9 anos, sendo distribuídos gratuitamente durante o primeiro ano e, posteriormente, vendidos a preço de custo (Paiva; Paixão, 2002). A sua longevidade e abrangência nacional/internacional, no entanto, não resultaram em estudos sistemáticos sobre a *Revista*, quase não havendo menções a ela<sup>6</sup> nos estudos voltados para analisar o Pabae em seus diferentes aspectos.

Entre essas pesquisas, a abrangência nacional das ações do Pabae fica evidente nos estudos sobre os impactos regionais do Programa, como os de Maria Lúcia Bassa Zem (2005) e de Reginaldo Rodrigues da Costa (2016), que analisam o contexto paranaense; Arlete de Jesus Brito (2008) identificou professores do Rio Grande do Norte enviados a Belo Horizonte para a formação continuada; outros trabalhos buscaram analisar os materiais, em especial, os livros produzidos no âmbito do Programa, como o volume *Estudos Sociais* da coleção Biblioteca de Orientação à Professora Primária (1964), de Maria Onolita Peixoto (França; Leite, 2013); o livro *O que é Jardim da Infância* (1963) de Nazira Féres Abi-Sáber (Castro; Silva; Moura, 2017); o manual *Habilidades de Estudos Sociais* (1964), de Maria Onolita Peixoto

---

4 Entre os principais estudos de referência estão os de Maria Helena Camara Bastos (1994), Maurilane de Souza Biccas (2002; 2005; 2008), Isabel Cristina Alves da Silva Frade (2000).

5 Os CRPE (e o CBPE) foram criados na gestão de Anísio Teixeira no INEP (1952-1964), com o objetivo de realizar pesquisas na área da educação e aprimorar a qualidade da educação pública e da formação de professores.

6 Rosário Lugli (2002) menciona, em sua tese, a revista, sem analisá-la.

(Waschinewski, 2017). Outros estudos realizam análises globais do Pabae (Abreu; Eiterer, 2008), sendo uma importante pesquisa de referência, a desenvolvida por Edil Vasconcellos de Paiva e Léa Pinheiro Paixão (2002).

A coleção completa da Revista *Criança e Escola* encontra-se disponível em alguns acervos, entre eles, o da Biblioteca da Faculdade de Educação da UFMG (temporariamente interditada para consulta) e o da Biblioteca do Centro de Referência do Professor, da Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Considerando a necessidade de consulta física, sem acesso remoto, trata-se de uma fonte de difícil acesso, o que justificaria seu quase desconhecimento nas pesquisas da área.

Tendo em vista se tratar de um impresso pouco conhecido, produzido em um contexto inovador - relacionado a uma política governamental de formação e capacitação docente -, e ao mesmo tempo controverso - devido a questões políticas e ideológicas que geravam resistência ao próprio programa que deu origem a essa publicação -, pretendemos contribuir para os estudos do campo, analisando um aspecto específico de seu conteúdo, relacionado aos conhecimentos sobre a criança, seu desenvolvimento e aos processos de aprendizagem.

Considerando o contexto educacional nacional, é preciso salientar que as atividades relacionadas ao Programa se deram de forma concomitante à implementação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n.º 4.024/61, que definiu os fins gerais da educação nacional e as finalidades de cada nível de ensino. Tendo em vista as particularidades regionais, caberia aos estados elaborar as regulamentações adequadas à sua realidade para atingir as finalidades prescritas. Em Minas Gerais, tal regulamentação para o nível primário foi realizada pela Lei nº 2610/1962, Código do Ensino Primário, sob o governo de José Magalhães Pinto, sendo o secretário de educação, Oscar Dias Corrêa. Tratava-se do início de um contexto de mudanças e de disputas em torno de novos parâmetros para a educação, sendo atravessado pelo golpe militar, em 1964 e pelo conjunto de leis e reformas estabelecidas sob o novo regime ditatorial: em 1968 seria aprovada a Lei n. 5.540 que reformulou o ensino superior, e em 1971, a Lei 5.692, que propunha novas diretrizes para o ensino primário e médio. Os acordos MEC-USAID<sup>7</sup> estão na base das reformas, possibilitando pensar na continuidade de políticas para a

---

7 Os acordos MEC-USAID foram desenvolvidos na década de 1960 entre o Ministério da Educação e a *United Agency for International Development* (USAID), visando, por meio de convênios de cooperação técnica, desenvolver a economia, via educação. Conforme Luiz Antônio Cunha (2014), não houve **uma** política educacional na ditadura, mas o investimento de vários grupos buscando influenciar o MEC por meio de alianças

educação primária, sob influência dos Estados Unidos, iniciada pelo PABAE na década anterior. A interferência dos Estados Unidos nesse contexto certamente causava desconforto e desconfiança em parte dos políticos e intelectuais que pensavam e planejavam o desenvolvimento educacional brasileiro.

Adotamos, como referencial teórico principal, a perspectiva de Roger Chartier, de que texto e impresso, embora materialmente coincidentes, consistem em objetos epistemologicamente distintos (Chartier, 2014). Para tanto, devemos problematizar a fonte como o resultado de diversas intervenções, seja de caráter material (os limites impostos para a extensão do texto), gráfico (o espaço reservado para a matéria e a necessária inclusão de uma imagem que a acompanhe), econômico (manutenção e sobrevivência do impresso) e até mesmo intelectual (a transposição de ideias lidas em outras línguas, a adaptação para novos contextos). A autoria, ainda que importante, disputa o resultado do impresso com outros condicionantes que muitas vezes operaram constrangimentos e esses, mesmo que desconhecidos pelas leitoras atuais, precisam ser considerados.

Aderimos, também, ao conceito de apropriação e reapropriação de Michel De Certeau (1998), compreendendo que, no processo de transposição das referências e aprendizagens trazidas do exterior para a escrita de matérias voltadas para professoras primárias, houve o crivo realizado a partir dos interesses, intenções e necessidades específicos. Há, nesse processo de produção escrita, a criação de novos enquadres, sínteses e aplicações que não foram previstos inicialmente nos textos de origem, ou não eram prescritos para a educação primária, ou mesmo, para uma realidade sociocultural tão diversa, como a brasileira/mineira, de meados do século XX.

A partir desses elementos, o artigo é composto por esta introdução e por outras três partes, sendo a primeira destinada a discutir a materialidade da Revista e a problematizar os dados coletados e analisados; em seguida, analisamos as matérias que discutiam sobre a Psicologia da criança e as possíveis apropriações de obras da área; por fim, as considerações finais.

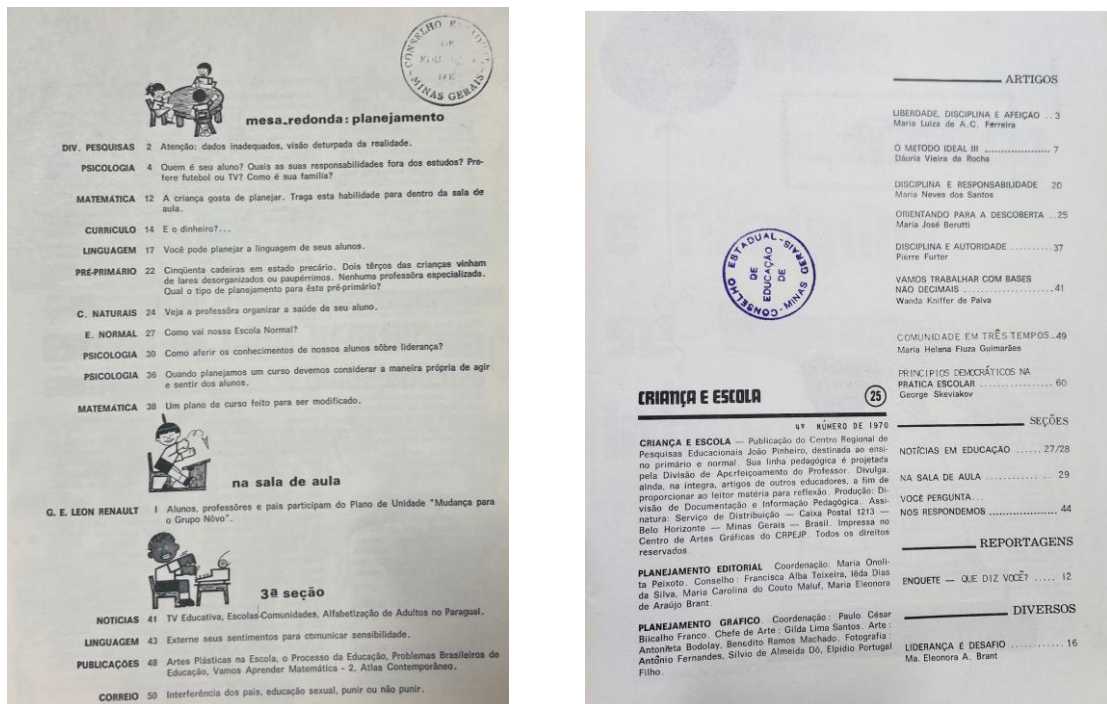
---

políticas; do mesmo modo, é necessário destacar que a participação dos militares não se concentra na implementação de políticas educacionais, mas sobretudo na execução de políticas de censura e repressão voltadas para as escolas e universidades (MOTTA, 2014; FREIRE, 2024)

**Criança e Escola - uma revista pedagógica em diálogo com outros impressos**

A Revista *Criança e Escola*, como principal fonte desta pesquisa, foi lida integralmente, e seu conteúdo foi organizado em uma tabela, por meio da qual pudemos obter uma visão geral e também identificar as matérias de potencial interesse para nosso problema. As edições do periódico variam entre 40 e 60 páginas, compostas por textos e imagens. Destaca-se a predominância da autoria feminina, particularmente de professoras vinculadas a diferentes departamentos do Pabae, como o Departamento de Psicologia, o Departamento de Currículo e Supervisão e o Departamento Pré-Primário. A Revista se distingue por sua composição diversificada, incluindo matérias originais elaboradas pelas autoras, artigos transcritos de outras publicações, discursos de eventos vinculados ao Programa e poemas, inclusive de crianças<sup>8</sup>. Na figura 1, apresentamos o sumário dos números 19 e 25, para exemplificar o conteúdo de uma edição completa, embora as seções não sejam fixas ou equivalentes em todos os volumes.

**Figura 1:** Sumários das edições 19 e 25, da Revista *Criança e Escola*



Fonte: Revista Criança e Escola, n. 19 (1969), n. 25 (1970). Acervo da Biblioteca do Professor. SEE/MG.

O periódico abrange matérias focadas nas possibilidades de desenvolvimento de métodos de ensino pela professora. Dentre eles, destaca-se as *unidades de trabalho*, baseadas na pesquisa

<sup>8</sup> Os poemas apresentados são de autoria de escritores externos à equipe editorial da revista, com destaque para uma significativa seleção de produções de Cecília Meireles.



coletiva de um determinado tópico de interesse da turma que seria, posteriormente, exposto à classe em uma apresentação avaliativa. Os artigos apresentam *unidades* adaptáveis pela docente, que compreendem conteúdo interdisciplinar, similarmente à matéria “Por que comemoramos o Dia da Árvore?”, no volume 1 (1963), contendo objetivos e atitudes a serem desenvolvidos sobre o tema, bem como a promoção da participação direta das crianças no processo, trabalhando as disciplinas de Literatura e Linguagem, Aritmética, Ciências Naturais e Música<sup>9</sup>.

A matéria “Recortes de Jornais na Aprendizagem de Aritmética”, no volume experimental (1963), a título de exemplo, explica o uso das matérias de jornais como sugestão a ser implementada pelas professoras nas aulas de Aritmética, fornecendo dados apontados como reais e significativos para a formulação de problemas pela turma. Além disso, há matérias direcionadas para a confecção de materiais, compreendendo instruções de produção e utilidade dos mesmos. Na seção *AV Para Você*, são oferecidas orientações e imagens para demonstração sequencial das etapas de montagem de recursos audiovisuais, descritos como fundamentais para auxiliar a professora na dinamização das aulas, como o *flanelógrafo*, *murais didáticos* e *porta-fichas*<sup>10</sup>.

Em linhas gerais, a professora é vista como responsável pela orientação e inspiração dos estudantes, incumbida de guiá-los no processo de crescimento e desenvolvimento de responsabilidades. Além disso, a ênfase metodológica do Pabae na formação de professoras, apontada por Claudia Abreu e Carmen Eiterer (2008), também é identificada como uma tendência da Revista, que defende a adaptação dos currículos e métodos de ensino ao ritmo de desenvolvimento de cada estudante.

Para a seleção do conteúdo a ser analisado neste artigo, selecionamos as matérias que, em contraste com a ênfase no currículo e nos métodos, discutiam sobre os sujeitos da aprendizagem: as crianças. Desse conjunto, discriminamos as matérias que citam referências da área da Psicologia e privilegiamos somente aquelas que discutem sobre o desenvolvimento

---

9 As matérias também indicam sugestões de atividades para as aulas de Estudos Sociais.

10 O flanelógrafo é uma superfície plana, geralmente feita de papelão ou madeira, coberta com flanela ou feltro. Ele permite fixar recortes de materiais similares ou com lixa no verso, facilitando a montagem e reorganização de elementos visuais para fins educacionais e apresentações (Bastos, 1963, p. 30). Um mural didático é uma área da parede revestida com materiais como cortiça, eucatex ou tecido grosso, utilizado para exibir elementos visuais como fotografias, desenhos e objetos (Bastos, 1964, p. 38-40). O porta-fichas é um dispositivo usado pelo professor para mostrar ideias, ilustrações e informações escritas em fichas, substituindo ou complementando o uso do quadro de giz (Silva, 1965, p. 32 e 33).

da criança e sua aprendizagem<sup>11</sup>. Vale lembrar que o tema também foi debatido a partir de outros campos de conhecimento e encontramos matérias que não mencionam quais foram as referências adotadas, sendo todo esse conjunto, desconsiderado. O quadro 1 a seguir reúne os dados referentes às oito matérias selecionadas, todas escritas por professoras do Departamento de Psicologia do Pabaee, que realizaram curso na Universidade de Indiana, em Bloomington.

**Quadro 1: Matérias sobre a criança e sua aprendizagem e as obras referenciadas.**

Autoria e título da matéria	Obra referenciada	N. revista/ano
Georgina Rafael e Maria Luiza Almeida Cunha Ferreira.  <i>Que você vê, quando vê uma criança?</i>	Sigmund Freud. Nenhuma obra específica	0 / 1963
	Arnold Gessell. Nenhuma obra específica	0 / 1963
Terezinha França.  <i>A Psicologia ajuda a professora</i>	Paul Alexander Osterieth. <i>Introdução à Psicologia da Criança</i>	6 / 1965
	Guy Jacquin. <i>As grandes linhas da Psicologia da Criança</i>	6 / 1965
	João de Sousa Ferraz. <i>Noções de Psicologia da Criança</i>	6 / 1965
Maria Luiza A. C. Ferreira e Frances P. Miller  <i>Como a criança aprende*</i>	William Ellsworth Martin e Celia Stendler Lavatelli. <i>Child Behavior and Development</i>	7 / 1965
Maria Neves dos Santos  <i>Criança e criança</i>	Elizabeth Bergner Hurlock. <i>Child Development</i>	8-9 / 1965
	Arthur Thomas Jersild. <i>Child Psychology</i>	8-9 / 1965
Transcrição sem autoria declarada	Édouard Claparède. <i>Psychologie de L'enfant</i>	11 / 1966
Transcrição sem autoria declarada	Pedro de Figueiredo Ferreira. <i>Fatores emocionais na aprendizagem</i>	14 / 1967
Terezinha França  <i>Pensar é atuar</i>	Hans Aebli. <i>Una didáctica fundada en la psicología de Jean Piaget</i>	17 / 1969
	Jean Piaget. <i>Psicologia da inteligência</i>	17 / 1969
Maria Luiza A. C. Ferreira e Frances P. Miller  <i>Como a criança aprende*</i>	William Ellsworth Martin e Celia Stendler Lavatelli. <i>Child Behavior and Development</i>	26 / 1971

**Fonte:** Revista Criança e Escola. Em \* matérias repetidas em volumes diferentes.

No segundo momento da pesquisa, localizamos 10 dos 11 livros acima mencionados, à exceção de *Child Behavior and Development*, de William Ellsworth Martin e Celia Stendler Lavatelli.

<sup>11</sup> Foram excluídas desta análise, as matérias e referências que tratavam de outros temas de interface da Psicologia, como a avaliação da aprendizagem, dificuldades de aprendizagem, a relação família e escola, a cognição em relação a disciplinas específicas.

Autores de livros acadêmicos sobre desenvolvimento infantil e psicologia da criança, as obras desses estudiosos constituíram a bibliografia do curso de Psicologia Educacional do Pabaee. Arnold Gesell (1880-1961), Sigmund Freud (1856-1939), Edouard Claparède (1873-1940) e Jean Piaget (1896-1980) já seriam, nas décadas de 1960 e 1970, pesquisadores e autores consolidados e mundialmente conhecidos, tendo em comum a dedicação ao estudo da infância, cada qual a partir de uma perspectiva específica<sup>12</sup>.

Elizabeth Hurlock (1898-1988) foi professora do Departamento de Psicologia da Universidade de Columbia, e Paul Osterieth (1916-1980) foi neuropsicólogo e professor de Psicologia da Universidade Livre de Bruxelas, ambos com larga produção acadêmica de obras de referência em Psicologia do desenvolvimento e Psicologia Educacional. Guy Jacquin (1951-2022) foi educador e autor belga, que publicou obras sobre a Psicologia da Criança, com inclinação religiosa cristã; Hans Aebli (1923-1990) foi um educador suíço e pesquisador da Psicologia Evolutiva; Arthur Jersild (1902-1994) foi um autor estadunidense com larga produção sobre a Psicologia da criança e a criança em idade pré-escolar e João de Souza Ferraz (1903-1988), um entre os autores brasileiros citados, foi professor do ensino secundário e psicólogo, também prolífico autor de livros de Psicologia, amplamente utilizados nos cursos do Pabaee. Pedro de Figueiredo Ferreira<sup>13</sup> coordenou pesquisas sobre os fatores emocionais na aprendizagem, financiado pelo INEP e atuou nos centros de educação pré-escolar do Rio de Janeiro; seu livro citado é o único que discute o desenvolvimento da criança sob a perspectiva psicanalítica. Todos os demais livros podem ser classificados como manuais para orientação, consulta e estudos sobre a infância e seu desenvolvimento.

Esse conjunto de livros publicados majoritariamente nas décadas de 1950 e 1960 representa a massiva produção de obras de caráter didático em um contexto em que o campo da Psicologia já estava estabelecido como um dos fundamentos da educação e da formação de professores, e o conhecimento sobre a infância e seu desenvolvimento se apresentava como de seu domínio. Além de publicações de autores estadunidenses - na língua original ou traduzida -, as autoras leram e se fundamentaram em produções nacionais e de outras localidades, como Áustria, Suíça e Bélgica.

---

12 Ver o livro organizado por Ana Maria Jacó-Vilela et al. (2008).

13 Não conseguimos encontrar maiores informações sobre sua nacionalidade e naturalidade, ou período em que viveu.

Tais obras foram se tornando acessíveis em língua portuguesa (ou espanhola) por meio de coleções de cunho educacional, promovidas pelas editoras, como a da Fundo de Cultura S.A., do Rio de Janeiro (coleção Fundo Universal de Cultura - estante de Psicologia), Editora Nacional, de São Paulo (coleção Atualidades Pedagógicas), Editorial Kapelusz, de Buenos Aires (coleção Biblioteca de Cultura Pedagógica), Saraiva, de São Paulo (Coleção de Ensino Normal), Record, do Rio de Janeiro (Coleção Psicologia e Pedagogia), Itatiaia, de Belo Horizonte (Biblioteca de Estudos Sociais e Pedagógicos). As coleções, modelo editorial adotado pelas grandes editoras, desde o início do século XX, representaram uma estratégia para atingir leitores específicos, sendo dirigidos por intelectuais de referência nas áreas em questão. O campo da educação alimentou esse mercado ao longo de todo o século, seja por meio de traduções, seja pela produção de autores nacionais, conforme discutido por Maria Rita Toledo (2010, 2013, 2017).

A seguir, apresentamos a análise das apropriações operadas pelas professoras/editoras/autoras das matérias sobre a criança e os seus processos de aprendizagem.

### **Fundamentos psicológicos do desenvolvimento infantil**

MUITOS Estados estão em processo de formular e adotar novos programas de ensino. Isso reflete a preocupação em adaptar a educação primária à evolução social.

Por importante que seja o conteúdo curricular, a questão dos métodos - isto é, o “como” se põe em prática um currículo - parece-nos ainda mais importante. Os programas são instrumentos. Para usá-los devidamente, o professor precisa conhecer os fundamentos psicológicos do desenvolvimento infantil. Propomos, a seguir, alguns conceitos que nos parecem especialmente importantes para esta fundamentação (Santos, 1965, p. 5). [destaques no original]

Maria Neves dos Santos, professora do Departamento de Psicologia do Pabaee, inicia dessa forma, a matéria de dez páginas intitulada *Criança & Criança*, publicada nos volumes 8 e 9 da Revista. Seu propósito parece ser o de apresentar o caráter multidimensional do desenvolvimento infantil, de forma introdutória, incluindo elementos que, inclusive, extrapolam o conhecimento psicológico. Organiza a matéria por meio de três subtemas: necessidades básicas da criança (necessidades fisiológicas e psicossociais), aspectos do desenvolvimento infantil (físico e motor, mental, social, emocional, moral e religioso) e ajustamento da criança a seu meio e à sociedade atual (discute sobre a dinâmica de

desenvolvimento da sociedade, os diferentes meios socioculturais das crianças e o papel da escola em mediar o seu desenvolvimento).

Com linguagem simples e permeada por perguntas retóricas, Maria Neves dos Santos desenvolve assuntos complexos e complementa as ideias e argumentos com exemplos do cotidiano escolar, como nos trechos a seguir:

Devemos criar oportunidades para auxiliar a criança em seu desenvolvimento físico e motor. Se desprezarmos esses aspectos todos os outros serão afetados. *Têm nossos escolares espaço para o recreio ao ar livre? Tem êles oportunidades de, sob o cuidado do professor, brincar à vontade? (...)*

Ficando mais velho, certos aspectos de coordenação que dependiam do sistema nervoso e dos músculos foram se processando. Ao mesmo tempo, o ambiente apresenta-lhe oportunidades e sua necessidade de ajustar-se a esse ambiente força-o a aprender. Ele não só aprende de acordo com as exigências do meio, mas ele próprio provoca modificações no ambiente. Modificações essas que vêm exigir dele novas adaptações. Exemplo: *porque é capaz de descobrir por si, Joãozinho não concorda em repetir sem entender. Maria insiste em solucionar o problema dado em classe, de maneira diversa (talvez menos eficiente) do que a proposta pela professora, mas que ela “descobriu” por si* (Santos, 1965, p. 7). [destaques das autoras]

Para sustentar seus argumentos, Maria Santos realiza uma citação direta, do psicólogo estadunidense Arthur Jersild, quando discute sobre o desenvolvimento moral: “A consciência da criança consiste no sistema de noções morais, padrões e valores pelos quais ela julga o que é certo e errado, considera-se responsável pelo que faz, pelo que é e pelo que luta para ser”. O livro desse autor, *Child Psychology*, é indicado na bibliografia. Alguns elementos paratextuais indicam que o livro foi endereçado a um público não especialista e mais amplo, como (futuros e atuais) pais e mães (Jersild, 1966, p. 5); o autor utiliza uma linguagem acessível e exemplos de situações do cotidiano, em meio a citações de estudos atuais na área, o que nos indica a expectativa de recepção também por especialistas; ao final de cada um dos 20 capítulos, sob o título de “Leituras recomendadas”, Jersild indica várias referências, como manuais, tratados e revistas científicas especializadas sobre o tema, comentando sinteticamente o conteúdo de cada obra, sua atualidade e a disponibilidade em bibliotecas.

Jersild organizou seu livro de forma cronológica, mas ao mesmo tempo por temas, dividindo-o em quatro partes: a primeira, dedicada ao período anterior ao nascimento e a primeira infância, a segunda, intitulada “o eu e os outros”, em que discute as inter-relações das crianças nos diversos contextos, em seguida discute sobre o desenvolvimento emocional e, por fim, sobre o desenvolvimento intelectual.

A perspectiva ampliada e multidimensional do desenvolvimento pode ser reconhecida tanto na estrutura do livro de Jersild como na organização da matéria de Maria Neves dos Santos. Foram excluídos pela autora os elementos muito específicos sobre o período anterior ao nascimento, o que é coerente com o foco do Pabae e da Revista: a criança em idade escolar. Embora assuntos relacionados à gravidez e puerpério sejam de potencial interesse para professoras e para mães e pais, eventuais leitores da Revista, Maria Neves dos Santos exclui esse assunto, indicando, com esse movimento de apropriação, o interesse especificamente escolar no que se refere à psicologia infantil.

Outra referência bibliográfica indicada por Santos é o livro *Child Development*, de Elizabeth Hurlock. Trata-se de uma obra de 478 páginas, organizada longitudinalmente por temas/aspectos do desenvolvimento, cada qual sendo explorado desde o nascimento à adolescência. Alguns capítulos do livro coincidem com a matéria de Neves, indicando que esse pode ter sido o modelo que inspirou sua escrita: desenvolvimento motor, social, emocional, moral e religioso. O livro de Hurlock contém outros assuntos que não aparecem na matéria, como a História da Psicologia da criança, discussões sobre a hereditariedade e sobre o desenvolvimento dos bebês, e também sobre a adolescência. Neves opera uma “produção silenciosa”, tal como discute De Certeau (1990), de modo semelhante em relação a esse livro, ao concentrar o foco de seu interesse sobre os aspectos do desenvolvimento que se relacionam às crianças em idade escolar, desprezando temas que julgou serem de interesse secundário.

Ao concluir a matéria, Maria Neves dos Santos afirma que à escola cabe observar e acolher os diferentes alunos que chegam. Em suas palavras,

Sempre teremos alunos diferentes sob vários aspectos - físico, motor, mental, social, moral e religioso. Isto não importa; a nós professores cabe o dever de ajudar cada um a desenvolver-se o máximo e ajustar-se bem a seu meio. Não podemos querer que as reações do menino de um lar rico, criado num ambiente de conforto, sejam iguais às do nosso menino de favela, de morro, o filho do operário, a quem, não raras vezes, falta até o alimento necessário” (Santos, 1965, p. 29).

Essa atenção às especificidades sociais e à necessidade de ajustamento e acolhimento, por parte da escola, atravessa transversalmente a matéria, complementando o conteúdo técnico e generalizante dos livros de Hurlock e Jersild, ambos autores estadunidenses. Santos acrescenta às especificidades etárias, bastante discutidas nos dois livros, o contexto brasileiro, realizando um movimento de relativização do conhecimento sobre a criança. A autora demonstra

apropriar-se com crítica dos conteúdos dos manuais de psicologia, indicando a necessidade de ajustar esses conhecimentos às características individuais e plurais da realidade brasileira; crítica essa com a qual inicia sua matéria, ao relativizar as mudanças curriculares e a adoção de métodos inovadores e ditos modernos, em detrimento do conhecimento sobre a criança e suas necessidades.

Essa afirmação sobre a centralidade do conhecimento sobre a criança já estava demarcada, na Revista, desde o seu volume experimental, de número zero (1963). Na matéria *Que você vê, quando vê uma criança?*, que inaugura o volume, Maria Luiza A. C. Ferreira e Georgina Rafael iniciam refutando concepções recorrentes e consideradas equivocadas sobre as crianças, tais como a de que são “adultos em miniatura”, “anjinhos” corrompidos pela sociedade, “pequenos demônios” ou a de que são como “brinquedos”. Combater essas concepções, que resultam em “aleijões psicológicos”, requer grande responsabilidade. Segundo as autoras: “todo professor deve estar preparado para utilizar as informações da ciência, a fim de aperfeiçoar seu modo de ensinar - e para esclarecer e orientar os pais e melhorar as relações intra-familiares.” (Ferreira; Rafael, 1963, p. 3). Para tanto, indicam como fundamentos indispensáveis, a Biologia, a Psicanálise - particularmente Sigmund Freud e discípulos, que situam a infância como a matriz para o desenvolvimento da personalidade e como origem das doenças mentais -, a Psicologia Evolutiva - especialmente a perspectiva de Arnold Gesell, segundo a qual o comportamento e a aprendizagem humanos estão atrelados ao desenvolvimento de tecidos e sistemas.

Embora não tenham sido citadas obras específicas de Sigmund Freud (1856-1939) e Arnold Gesell (1880-1961), as autoras sintetizam pressupostos bastante conhecidos de ambos os autores, que constam nas bibliografias de referências em planos de cursos de Psicologia Educacional do Pabae. Entre os discípulos de Freud, o destaque era dado a Anna Freud (1895-1982), que se dedicou a utilizar a psicanálise para o tratamento de crianças<sup>14</sup>.

Note-se que as professoras do Departamento de Psicologia projetavam, no número experimental da Revista, combater a desinformação das famílias e, conseqüentemente, os prejuízos que poderiam causar no desenvolvimento dos filhos. Já nos números seguintes, a

---

14 De Gesell, constam: *El niño de 1 a 5 años* (vol. II) e *El niño de 5 a 10 años* (vol. III), da Editorial Paidós-Buenos Aires; *El adolescente de 10 a 16 años*, da Editorial Paidós - Buenos Aires, s.d.; *La Educacion del niño en la cultura moderna*, Editora Nova, 1948, Buenos Aires. De Anna Freud, *El Yo y los Mecanismos de defesa*, da Editora Paidós - Buenos Aires, 1954; de Anne Freud e Dorothy Burlinghau, *Meninos sem lar* - Ed. Fundo de Cultura - Rio de Janeiro (PABAE, cx 11, pasta 5, 1961)

crítica se desloca para o próprio Programa, indicando um tensionamento entre os Departamentos do Pabae, que se traduz na ênfase metodológica adotada pelo Programa de Cooperação. Essa postura se reafirma ao longo das publicações das professoras do Departamento de Psicologia, que embora não muito numerosas, aparentemente precisavam insistir em torno do mesmo tema durante a longevidade da Revista.

Na edição de número 11, de 1966, encontramos a transcrição de um trecho da introdução do livro de Édouard Claparède (1837-1940), *Psicologia da Criança e pedagogia experimental* (1934), a seguir:

Parece elementar verdade que a Pedagogia deva basear-se no conhecimento da criança, como a horticultura se baseia no conhecimento das plantas; entretanto, tal disciplina é inteiramente desconhecida da maioria dos pedagogos e de quase todas as autoridades escolares. É bastante, para demonstrá-lo, recordar que, na maior parte das Escolas Normais, não existe um curso de psicologia da criança. Os jovens que saem destes institutos, na idade de 18 ou 19 anos, são colocados pelo Estado nas escolas primárias ou secundárias com a missão de desenvolver inteligências, de formar caracteres, de refrear instintos, sem nunca lhes ter sido dado aprender o que é a inteligência, o caráter, o instinto e quais são as leis que regem estes fenômenos, leis que deveriam conhecer grosso modo, para a elas subordinar os métodos de seu ensino (CRIANÇA E ESCOLA, 1966, p. 48).

Vale lembrar que Claparède era considerado, desde fins da década de 1920, um dos principais representantes e divulgadores da Escola Nova no Brasil, sendo o Institut Jean-Jaques Rousseau, fundado pelo médico e psicólogo suíço, o centro da renovação pedagógica europeia (Campos, 2008). Segundo Daise Santos et al (2021), quando Claparède visitou o Brasil, em 1930, apenas uma de suas obras havia sido publicada no país, *A escola e a psicologia experimental*, no ano de 1928, a partir da qual passou a ser recomendada para professores primários, secundários e normalistas. No entanto, sua obra já era amplamente referenciada em livros e manuais de Pedagogia e Psicologia, refletindo o entusiasmo pelo seu pensamento.

A terceira obra de Claparède publicada no Brasil foi a citada na Revista: *Psicologia da Criança e pedagogia experimental*, cuja primeira edição foi lançada em 1934, pela Imprensa Oficial de Minas Gerais. A obra já era conhecida mundialmente, sendo traduzida para dez idiomas, indicando sua ampla circulação (Silva, 2013). Podemos afirmar que a inclusão do trecho da introdução da obra de Claparède na Revista está atrelada às raízes da reforma da educação ocorrida nas décadas de 1920 e 1930. Edições francesas certamente circularam pelo Brasil anteriormente e muitos leitores e leitoras estariam familiarizados com a obra quando de sua

tradução; a citação referida anteriormente foi transcrita na Revista nos dois idiomas, e o recurso ao bilinguismo pode indicar busca por erudição e, portanto, por legitimidade, ao se fazer referência à herança epistemológica genebrina que se buscava preservar (ou recuperar), em tempos de inovação e deslocamento dos investimentos para os métodos de ensino. A reafirmação da Psicologia da criança por meio de Claparède, quatro décadas após a publicação de seu primeiro livro no Brasil, e em meio a uma profusão de publicações sobre o tema, indica, conforme mencionado acima, as disputas entre os campos de conhecimento em torno da qualificação docente.

Terezinha França publica duas matérias relacionadas à Psicologia do desenvolvimento, das quais uma possui, pela forma, a característica de dialogar com o público-alvo do Pabaee: as professoras das escolas elementares. A matéria intitulada *A psicologia ajuda a professora*, publicado no volume 6, de 1965, inicia com a descrição de “Silvinho”, um estudante indisciplinado e pouco aplicado e cuja professora solicita auxílio para conduzi-lo, ao que França inicia dizendo que “Não há receitas ‘infalíveis’ em Psicologia. Pensamos em indicar pontos básicos que podem ajudá-las a enfrentar tais dificuldades com mais sucesso.” (França, 1965, p. 1) [destaques no original]. Em seguida, em uma longa matéria, Terezinha França discute sobre os vários fatores que podem influenciar o desenvolvimento e, portanto, o comportamento das crianças: os comportamentos peculiares de cada idade; as relações de amizade e hostilidade que estabelecem, em especial com os membros da família; os hábitos culturais do meio em que vive; as condições do ambiente da sala de aula; o estado de saúde da criança; as aprendizagens anteriores. Em seguida, conclui afirmando que “cada criança se comporta ‘a seu modo’, e por isso é preciso conhecer cada uma, individualmente” (França, 1965, p. 4) [destaques no original].

A matéria parece ter o objetivo de evitar que se pense na Psicologia como uma panaceia a acudir todos os problemas de aprendizagem e dificuldades de comportamento na escola. Ao reforçar que “cada caso é um caso”, França enfatiza a necessidade de não rotular as crianças e sempre tentar novas explicações para as dificuldades, quando não se obtém sucesso. Ao final, recomenda, como leituras para aprofundamento, três livros: *Introdução à Psicologia da Criança*, de Paul Osterieth, *As grandes linhas da Psicologia da Criança*, de Guy Jacquin e *Noções de Psicologia da Criança*, de João de Souza Ferraz.

O livro de Osterieth e de Jacquin se aproximam por serem destinados a pais e educadores. Os capítulos são organizados por etapas cronológicas ou “estádios” (Osterieth, 1978), iniciando do nascimento até a adolescência. Para cada etapa, são discutidas as dimensões características do

desenvolvimento, como a motilidade, a afetividade e a vida social. A preocupação em ilustrar os conceitos e situações diversas por meio de exemplos práticos do contexto escolar está presente na escrita simplificada, em especial no livro de Jacquin, que se destaca pelo tom prescritivo e pela presença de exemplos de atividades para cada fase do desenvolvimento.

O livro de João de Souza Ferraz se diferencia sensivelmente dos dois anteriores pela falta de elementos pré-textuais – introdução, prefácio –, dificultando a identificação de seu endereçamento. Apesar de o subtítulo anunciar “com aplicações educativas”, não há aplicações, pelo contrário, trata-se de um livro teórico, que dialoga com estudos acadêmicos sobre a infância. Os 24 capítulos se organizam em aspectos do desenvolvimento, como os interesses infantis, o desenvolvimento mental, a linguagem e o pensamento, a atenção, entre outros. Podemos deduzir que Terezinha França indicou três obras que, cada uma a seu modo, podem contribuir para ampliar e aprofundar o conhecimento sobre a criança e seu desenvolvimento. São livros que compõem, nas respectivas editoras, uma coleção voltada para a leitura de professores, devendo ser, portanto, de fácil acesso.

Terezinha França volta a publicar uma matéria sobre o desenvolvimento e a aprendizagem da criança no volume 17, de 1969, endossando a crítica ao uso exacerbado de recursos audiovisuais pelos professores. Na matéria *Pensar é Atuar*, França se apropria, em duas páginas da Revista, da estrutura do livro de Hans Aebli, *Una didáctica fundada en la Psicología de Jean Piaget (1958)*, o qual cita em suas referências. Segundo França,

Numa visão histórica, podemos notar que a didática tradicional do século XIX propunha o ensino por meio de imagens e objetos. Isso já constituía progresso considerável em relação ao ensino verbalista da Idade Média e do Renascimento (França, 1969, p. 5).

A autora caracteriza o ensino tradicional como uma sequência de demonstrações realizadas pelo professor na sala de aula, por meio das quais as crianças, em seu papel de espectadoras passivas, teriam imagens mentais impressas em seus espíritos e, dessas imagens, decorreria a abstração. Contudo, segundo a autora, esse ensino se constitui em uma falsa concepção da gênese do pensamento, e contrapõe apresentando os postulados da Escola Ativa, por meio de Claparède, e a concepção operatória do pensamento, de Piaget. A primeira entenderia o pensamento como meio de adaptação, e a própria criança seria a responsável por comprometer-se com o ato de investigação, a fim de sanar um problema de seu interesse. Já Piaget, teria incorporado todos os aspectos relevantes da didática da escola tradicional (o uso de recursos materiais e

imagéticos) e da Escola Ativa (a adaptação do pensamento), criando a concepção operatória do pensamento, a partir da qual os elementos do pensamento seriam esquemas criados pela criança, que se tornam mais complexos à medida que ela evolui.

Os recursos audiovisuais, por si só, não seriam, portanto, eficientes, pois o pensamento é constituído por esquemas criados a partir da participação da criança em ações reais que, posteriormente, se constituem em operações mentais. Segundo Terezinha França:

Assim, antes de  $1 + 2 = 3$  ser uma operação mental foi uma ação real, pela qual a criança, com suas mãos, juntou 1 objeto a 2 outros. A operação de somar é uma representação ou interiorização do ato concreto realizado. Contar, ordenar, separar, comparar, superpor, transpor, decompor, medir, relacionar etc. são tôdas operações mentais que têm origem na manipulação efetiva (França, 1969, p. 5).

A partir dessa explanação, a autora apresenta como conclusão, a necessidade de cautela ao utilizar recursos audiovisuais sem os devidos embasamentos teóricos da Psicologia. Para utilizá-los eficazmente, então, seria necessário, além dos sentidos da visão e da audição, o movimento. Consequentemente, França aponta o uso de materiais individuais, que propiciem os alunos a operarem manualmente sobre os objetos, e não apenas observando a demonstração pela professora. O material concreto deveria, segundo ela, ser fornecido quando possível e necessário, segundo a evolução mental da criança e sua capacidade de abstração. “Em conclusão, a professora deve ter presente que o importante não é o material em si, mas as oportunidades de operar que êle propicia à criança” (França, 1969, p. 6).

Em comparação com a obra apropriada, cujos dois primeiros capítulos constituem a “Parte Histórica”, portanto dedicados à contextualização, a centralidade da argumentação consiste na crítica ao verbalismo e à didática dita “tradicional”. Em seguida, Aebli apresenta quatro autores representantes da Escola Ativa que, segundo ele, contribuem com novas perspectivas para se entender o pensamento da criança: W. A. Lay, John Dewey, Édouard Claparède e Georg Kerschensteiner. Destaca a semelhança entre as elaborações de Dewey e Claparède, afirmando que a obra do estadunidense é mais elaborada, motivo pelo qual pouco referenciaria a do genebrino. Terezinha França, no entanto, menciona apenas Claparède entre os representantes da Escola Ativa, construindo a ideia de continuidade “natural” entre este e Jean Piaget e, ao realizar esse movimento seletivo e criativo, contribui para a produção de um novo sentido para a História da Pedagogia, distinto da obra que o inspirou, de Hans Aebli (De Certeau, 1990).

Nos quatro capítulos seguintes, Aebli apresenta o conceito de operação mental de Piaget, sintetizando 11 livros do autor, publicados no período de 1936 a 1948; em seguida, discute e aplica a teoria nas diversas disciplinas, finalizando o livro com a apresentação dos experimentos realizados por ele próprio nas escolas. Vários exemplos de contextos de ensino permeiam os capítulos, assemelhando-se à escrita adotada por Terezinha França. Para finalizar a matéria, a autora afirma que “A noção de operação é complexa demais para ser completamente desenvolvida aqui. Com esta simplificação pretendemos tão somente apontar o que nos parece essencial para nosso propósito: o fato de que a raiz da atividade mental situa-se na atividade motora” (França, 1969, p. 5-6).

Podemos dizer que, na escrita de sua matéria *Pensar é atuar*, Terezinha França realizou mais que a tradução e a síntese de um livro de 208 páginas, escrito em língua espanhola; retirou do livro os elementos que considerou essenciais para seus leitores e leitoras; além disso, produziu um texto que sintetiza ideias complexas sobre o desenvolvimento mental da criança, para um suporte distinto, que condiciona limites à extensão e à forma. Conforme Chartier (2002), os textos nunca são abstratos, e as formas materiais nas quais se apresenta condicionam, interferem no seu conteúdo e operam novos significados.

A consciência de adaptar o conteúdo para leitores neófitos ou em formação, é seguida também do cuidado com os leitores especializados, já que França indica também como referência, o livro de Jean Piaget, *Psicologia da inteligência* (1958). Trata-se do primeiro livro do autor traduzido e publicado no Brasil, constituído majoritariamente de discussão teórica sobre os conceitos de *inteligência*, *pensamento* e *operação*, que constituiu um curso que ministrou no Collège de France, em 1942.

Maria Luiza A. C. Ferreira escreveu em co-autoria com Frances Miller, a matéria *Como a criança aprende*, publicada pela primeira vez em 1965, no volume 7 e reeditada no número 26, em 1971. Na primeira publicação, o texto divide espaço com duas fotografias de crianças em preto e branco, distribuídas ao longo de 3 páginas e meia. A segunda possui outra formatação e é fartamente ilustrada com 4 imagens de crianças em movimento, em corpo inteiro, interagindo com cubos; as ilustrações são feitas em amarelo, contrastando com o texto, em preto, na matéria de mesma extensão da edição anterior.

A matéria é iniciada com a apresentação do caso hipotético de “Henrique” - que ganhou um velocípede no Natal -, e seu processo de aprendizagem utilizando o brinquedo. Apresenta

também o exemplo de “Maria”, e seu processo de aprendizagem da soma no contexto escolar. As autoras argumentam que o primordial, para se aprender, seja relacionado a habilidades motoras ou mentais, não é o fator maturacional, mas o treino e a repetição, que constituem um PROCESSO (escrito em letra maiúscula para dar destaque), no qual está envolvida uma combinação de fatores: a motivação, a interpretação da situação, a resposta e o resultado (sucesso ou insucesso). Ao explicar cada um desses fatores, as autoras formulam exemplos envolvendo a aprendizagem das crianças mencionadas, tornando-os, por meio da analogia, mais facilmente compreensíveis. Como exemplo, ao explicar sobre o quarto fator, “sucesso ou fracasso da resposta”, as autoras escrevem:

De todas as atividades que tentaram, por que é que Henrique e Maria guardam algumas e esqueceram outras? O que é que fez Henrique aprender as respostas que facilitaram o andar de velocípede, e não as que interferiram com êsse resultado? O que é que levou Maria a fixar a resposta “quatro” e não qualquer outra, à pergunta citada? Aprenderam as respostas que lhes trouxeram satisfação. Fixaram as respostas que os levaram a conseguir algo desejado (Ferreira; Miller, 1971, p. 7).

Essa matéria aparenta ser a mais simplificada e cuidadosamente elaborada para a compreensão por não especialistas, considerando-se que, mesmo sem apresentar explicitamente os conceitos envolvidos, trazem o debate que envolve o campo da Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, como a influência dos fatores maturacionais e culturais, a importância da ação motora para a aprendizagem e uma certa influência da perspectiva associacionista, quando mencionam a importância do sucesso para a consolidação da aprendizagem. As autoras indicam como fonte consultada, o oitavo capítulo do livro *Child behavior and Development*<sup>15</sup>, de autoria de William Ellsworth Martin e Celia Stendler Lavatelli. O capítulo se intitula *Socialization as learning*. Traduções e adaptações de outros capítulos deste livro foram realizadas por professoras do Departamento de Psicologia do Pabae, indicando seu uso como referência nos cursos (PABAE, Cx 10, 1961).

A repetição da mesma matéria seis anos depois, indica a necessidade de revisitar um conteúdo que pode estar sendo demandado com frequência, visto que na seção de correspondência com leitoras, “Você pergunta, nós respondemos”, é comum a queixa de professoras sobre dificuldades enfrentadas com estudantes que não aprendem. A síntese dos fatores maturacionais

---

15 Esse livro não pôde ser localizado para consulta. Apenas traduções e adaptações de capítulos que não coincidem com o conteúdo da matéria.

e ambientais parece ser uma combinação nem sempre considerada para se avaliar os desafios enfrentados nas escolas.

Uma última matéria, constante da seção *Texto e contexto*, no volume 14 (1967, p. 7) apresenta o trecho de um estudo clínico publicado no livro *Fatôres emocionais na aprendizagem* (1960), de autoria de Pedro de Figueiredo Ferreira. Trata-se do caso de uma menina de pseudônimo “Sula”, de cinco anos, que frequentava o jardim de infância. Foram transcritas as páginas 31 e 32 do livro, resultando em uma página da Revista e o trecho é constituído pela descrição, por uma das professoras da escola, de situações de interação com Sula nas atividades, entremeadas por diálogos entre ambas. Em um dos trechos, relata:

Houve um tempo em que pegava minha mão, na hora do repouso, e botava na boca. Começou primeiro a chupar e a lamber, depois passou a morder. Fui deixando. A princípio, mordia devagarinho, depois mordeu com força. Então tirei a mão. Ela sentiu isso, porque no outro dia começou a me beijar. Dêsse dia em diante começou a me fazer carinho. De vez em quando me abraça e me agrada. (PABAE, 1967, p.7)

O trecho publicado na Revista, não é acompanhado de maiores explicações ou reflexões, não sendo possível, por si só, deduzir que se trata de um livro que analisa, sob perspectiva psicanalítica, o desenvolvimento emocional de uma criança em contexto escolar. No livro, a apresentação do caso clínico é antecedida por um prefácio de Lourenço Filho, que reflete sobre as contribuições da perspectiva psicanalítica para a educação e pela apresentação dos propósitos do livro, por Pedro Ferreira. O autor busca distinguir a realidade objetiva, predominante na perspectiva das professoras, e a realidade psíquica, interna ao sujeito, que ele busca empreender na discussão do caso clínico, sob perspectiva psicanalítica.

O livro de Pedro Ferreira apresenta, ao final da apresentação do caso de Sula, capítulos de discussão teórica articulados ao desenvolvimento emocional da criança, a partir dos conceitos da psicanálise freudiana, como: o fenômeno da transferência na escola; relação parcial e relação completa de objeto; regressão e frustração, entre outros. Observamos que o conteúdo conceitual do livro requer, para sua compreensão, o conhecimento aprofundado sobre a Psicanálise; já o trecho do caso clínico publicado ilustra intervenções da professora e suas consequências, resultando, ao final, no engajamento de Sula em uma atividade com a professora e em harmonia com outra colega.

### Considerações finais

Rastrear, por meio de indícios e comparações, os traços de leitura e apropriação de textos, mesmo em um tempo relativamente próximo à atualidade, segue sendo um grande desafio. Buscamos dar visibilidade a esse trabalho intelectual operado por professoras que viajaram para o exterior, aprenderam e trouxeram conhecimentos novos, adaptaram-nos à realidade local, buscando difundi-los entre pares e contribuir para o desenvolvimento da educação brasileira, por meio de um impresso pedagógico.

Nesse processo, pudemos identificar a disputa do campo da Psicologia no interior do Pabae, por legitimidade e reconhecimento. Observamos, também, a pretensão de que os fundamentos psicológicos sobre o desenvolvimento infantil fossem espalhados pelas famílias, indicando que elas também eram leitoras visadas pela equipe editorial da Revista; entretanto, o direcionamento era sobretudo para as professoras que, ao se apoiarem nos conhecimentos psicológicos, deveriam fazê-lo em profundidade e com rigor, buscando compreender cada criança em sua especificidade.

Exploramos apenas uma pequena dimensão das disputas internas ao Pabae, que consistia na defesa do conhecimento sobre a criança, associada a críticas ao “tecnicismo” como chave para aprimorar o ensino na educação primária. Essa tensão, entre a adesão às intervenções estadunidenses e uma certa herança genebrina, proveniente do movimento da Escola Nova, parecia dividir as professoras que compunham o corpo editorial e que também redigiam matérias para a Revista.

Outros dissensos de natureza ideológica provavelmente atravessaram o trabalho editorial durante o período ditatorial, e temos, por exemplo, o número 24, de 1970, cuja capa ilustra crianças uniformizadas em desfile de comemoração à Independência do Brasil, portando uma faixa em que se lê “A independência”. Como subtítulo, a frase “Educação para a cidadania” em caixa alta e fonte em estilo militar. O número é dedicado a discutir sobre o civismo e o patriotismo, e o conteúdo de Ciências Sociais discute sobre a disciplina de “Educação moral e cívica na escola primária”, principal intervenção militar no âmbito das reformas educacionais da década de 1960 (Cunha, 2014). Além disso, a publicação, nesse mesmo número, de trecho de fala do Presidente Médici, que enaltece o “Brasil acima de tudo” e repudia os atos de protesto como forma de retardar a “ascensão do povo”, indica que, ao menos isoladamente, havia sintonia com o regime ditatorial, ou que se pretendia sugerir tal alinhamento (CRIANÇA E

ESCOLA, 1970, p. 11). Essas e outras estratégias editoriais possibilitavam a sobrevivência dos veículos de comunicação em função da censura e, eventualmente, viabilizavam seu financiamento e sustentabilidade, visto que se tratava de uma publicação oficial vinculada ao governo do estado de Minas Gerais.

## Referências

- ABREU, Claudia Bergerhoff Leite de; EITERER, Carmem Lucia. A ênfase metodológica na formação de professores no PABAAE. **LINHAS**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p.93-108, jan./jun. 2008.
- AEBLI, Hans. **Una didáctica fundada en la psicología de Jean Piaget**. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1958.
- BASSA ZEM, Maria Lúcia. As políticas educacionais no período de 1956 a 1979, no município de São José dos Pinhais: a Escola Normal Colegial Estadual Henrique Pestalozzi. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 5, núm. 14, p. 1-14. Jan-abr, 2005.
- BASTOS, Lília da Rocha. Audiovisual & Escola Moderna. **Criança e Escola**, Belo Horizonte, nº 1, p. 28-30, set, 1963.
- BASTOS, Lília da Rocha. AV para você: mural didático. **Criança e Escola**, Belo Horizonte, nº 3, p. 38-40, mar, 1964.
- BASTOS, Maria Helena Camara. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992). In: CATANI, Denice Barbara, BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **Educação em revista - a imprensa periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 47-75.
- \_\_\_\_\_. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. In: ARAÚJO, José Carlos, GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs.). **Novos temas em História da Educação: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Autores associados; Uberlândia: Edufu, 2002, p.151-174.
- BRITO, Arlete de Jesus. A USAID e o Ensino de Matemática no Rio Grande do Norte. **Boletim de Educação Matemática**, vol. 21, núm. 30, 2008, p. 1-25.
- BICCAS, Maurilane de Souza. Da revista à leitura: a formação dos professores e a conformação do campo pedagógico em Minas Gerais (1925-1940). In: ARAÚJO, José Carlos, GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs.). **Novos temas em História da Educação: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Autores associados; Uberlândia: Edufu, 2002, p.175-196.
- BICCAS, Maurilane de Souza. “Nossos concursos” e “a voz da prática”: a Revista do Ensino como estratégias de formação de professores em Minas Gerais (1925-1930). **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, nº. 4, p. 155-166, jan./dez. 2005.
- \_\_\_\_\_. **O Impresso como estratégia de formação**. Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas; NEPOMUCENO, Denise Maria. O funcionalismo europeu: Claparède e Piaget em Genebra, e as repercussões de suas ideias no Brasil. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco

Teixeira (Orgs.). **História da Psicologia** - Rumos e percursos. Rio de Janeiro: NAU, 2008, p. 243-264.

CASPARD, Pierre, CASPARD, Penélope. Imprensa pedagógica e formação contínua de professores primários (1815-1939). In: CATANI, Denice Barbara, BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **Educação em revista** - a imprensa periódica e a História da Educação. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 33-46.

CASTRO, Rosane Michelli de, SILVA, Vandêi Pinto da, MOURA, Cláudia Cristina de Farias dos Santos de. O que é Jardim da Infância: aspectos para uma pauta de discussões sobre defesas em conflito na história da Educação Infantil brasileira (1960). **Zero a Seis**.

Florianópolis. v. 19, n. 36 p. 464-477. jul-dez 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CLAPARÈDE, Édouard. **Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1934.

COSTA, Reginaldo Rodrigues da. A matemática na escola primária paranaense na década de 1960: orientações metodológicas e aprendizagem. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 16, n. 48, p. 423-443, maio/ago. 2016.

CRIANÇA E ESCOLA. Fala do presidente. Belo Horizonte, nº 24, pg. 11, 1970.

CRIANÇA E ESCOLA. Texto e contexto. Belo Horizonte, nº 11, pg. 48, jun, 1966.

CRIANÇA E ESCOLA. Texto e contexto. Belo Horizonte, nº 14, pg. 7, jul/set, 1967.

CUNHA, Luiz Antônio. O legado da ditadura para a educação brasileira. In: **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 127, p. 357-377, abr.-jun. 2014.

FERRAZ, João de Souza. **Noções de Psicologia da criança** - com aplicações educativas. São Paulo: Edição Saraiva, 1962.

FERREIRA, Maria Luiza A. C. Liberdade, afeição e disciplina se integram. **Criança e Escola**, Belo Horizonte, nº 25, p. 2-5, 1970.

FERREIRA, Maria Luiza A. C.; MILLER, Frances P. Como a criança aprende. **Criança e Escola**, Belo Horizonte, nº 7, p. 1-6, jun, 1965.

FERREIRA, Maria Luiza A. C.; MILLER, Frances P. Como a criança aprende. **Criança e Escola**, Belo Horizonte, nº 26, p. 2-8, fev/mar, 1971.

FERREIRA, Pedro de Figueiredo. **Fatores Emocionais na Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Imprensa pedagógica**: um estudo de três revistas mineiras destinadas a professores. 2000. 283f. Doutorado em Educação. Faculdade de Educação -Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

FRANÇA, Aldaires Souto, LEITE, Juçara Luzia. Habilidades de Estudos Sociais para a professora primária: circulação e apropriação de representações em um projeto de aperfeiçoamento de professores. **Revista História Hoje**, v. 2, nº 3, p. 235-249, 2013.

FRANÇA, Terezinha. A psicologia ajuda a professora. **Criança e Escola**, Belo Horizonte, nº 6, p. 1-4, mar, 1965.

FRANÇA, Terezinha. Pensar é atuar. **Criança e Escola**, Belo Horizonte, nº 17, p. 4-6, jan/mar, 1969.

FREIRE, Larissa. **Tão voltado para o futuro e tão consciente do seu passado: o Colégio Pedro II no contexto da Lei 5692/71**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

FREITAS, Maria da Glória de. Por que comemoramos o dia da árvore? **Criança e Escola**, Belo Horizonte, nº 1, p. 13-17, set, 1963.

GATTI JUNIOR, Décio; GUIMARÃES, Rosângela Maria Castro. As reformas educacionais em Minas Gerais: dos ambiciosos ideais formativos em âmbito estadual à preparação para o trabalho nas políticas nacionais (1892–1976). In: NETO, Wenceslau Gonçalves,

CARVALHO, Carlos Henrique de. (Orgs.). **História da Educação em Minas Gerais: da Colônia à República**. Volume 3 – República. Uberlândia: Editora EDUFU, 2019. p. 157-221.

HURLOCK, Elizabeth B. **Child development**. New York and London: McGraw-Hill Book Company Inc. 1942.

JACÓ-VILELA, Ana Maria, FERREIRA, Arthur Arruda Leal, PORTUGAL, Francisco Teixeira (Orgs.). **História da Psicologia - Rumos e percursos**. Rio de Janeiro: NAU, 2008.

JACQUIN, Guy. **As grandes linhas da Psicologia da criança**. 8a ed. Rio de Janeiro: Record, s.d.

JERSILD, Arthur T. **Psicologia da Criança**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1966.

KULESZA, Wojciech A. A escola de aperfeiçoamento de Belo Horizonte e a profissionalização das professoras. **Paidéia** (Belo Horizonte), 14 (21), p. 71-88 jan./jun 2019a.

KULESZA, Wojciech A. **A escola de aperfeiçoamento de Belo Horizonte**. Curitiba: Appris, 2019b.

LOPES, Helena. Recortes de jornais na aprendizagem da aritmética. **Criança e Escola**, Belo Horizonte, nº experimental, p. 10-13 e 30, set, 1963.

LUGLI, Rosario S. Genta. **O trabalho docente no Brasil: O discurso dos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais e das entidades representativas do magistério (1950-1971)**. 2002. 223 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

OSTERIETH, Paul. **Introdução à Psicologia da criança**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

PAIVA, Edil Vasconcelos, PAIXÃO, Léa Pinheiro. **PABAE (1956-1964) – A americanização do ensino elementar no Brasil? – Niterói: EdUFF, 2002.**

PEIXOTO, Maria Onolita. Uma idéia torna-se realidade. **Criança e Escola**, Belo Horizonte, nº experimental, segunda capa, set, 1963.

PIAGET, Jean. **Psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura S.A., 1958.

RAFAEL, Georgina; FERREIRA, Maria Luiza de Almeida Cunha. Que você vê, quando vê uma criança?. **Criança e Escola**, Belo Horizonte, nº experimental, p. 2-4, jan, 1963.

SANTOS, Daise Silva dos, MIGNOT, Ana Chrystina, PERDOMO, Selma Barbosa. À beira do cais: um divulgador das ideias de Édouard Claparède em Minas Gerais. **Educação em revista**. 2021; 37:e24999. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-469824999> consulta em 09/08/2024.

SANTOS, Maria Neves dos. Criança & Criança. **Criança e Escola**, Belo Horizonte, nº 8, p. 5-8, set, 1965. nº 9, p. 24-29, dez, 1965.

SILVA, Emerson Correia da. **As apropriações e representações de Édouard Claparède no Brasil (1928-1973)**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC/UNESP, campus de Marília/SP. 285 f. 2013.  
file:///C:/Users/convidado/Downloads/silva\_ec\_dr\_mar.pdf consulta em 09/08/2024.

SILVA, Marina Vieira da. AV para você. **Criança e Escola**, Belo Horizonte, nº 7, p. 32-33, jun, 1965.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre a formação do leitor e o mercado de livros. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil**. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Traduções culturais do livro *como pensamos* da coleção Atualidades Pedagógicas (1933-1981). **Hist. Educ.** 17(39) jan./abr/2013, p. 57-78

TOLEDO, Maria Rita de Almeida; CARVALHO, Marta. A tradução de John Dewey na coleção autoral Biblioteca da Educação. In: **Educ. Soc.** 38 (141) p. 999-1015, out-dez. 2017.

WASCHINEWSKI, Susane da Costa; RABELO, Giani. A escola agora é outra: o Programa de Assistência Brasileiro Americana ao Ensino Elementar – PABAAE (1956 a 1964). **Educação**, Santa Maria, vol. 42, núm. 3, p. 535-554, setembro-dezembro, 2017.

Recebido em 2024-09-29

Revisado em 2024-12-04

Aprovado em 2024-12-11

Publicado em 2024-12-31